

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

A DICTADURA LEGAL.

Cahio finalmente na camara dos Srs. Deputados, depois de alguns dias de calorosos debates, o parecer da commissão respeito á fusão para se proporem medidas de salvação, ou a *Dictadura Legal*, á que hum Sr. Deputado disse preferir. Desta vez ainda a argumentação forte e sythematica da opposição pôde conseguir desarmar o braço com que o despotismo nos ameaçava, e ver desta arte salvo o paiz de hum *Dictadura* horrorosa.

Não ha muito que o ex-Regente Feijó julgando-se impotente para occupar o posto, á que fôra levado pela maioria dos sufragios, pedia ás camaras medidas energicas, sem as quaes, dizia, era impossivel salvar-se o Brasil. Armados contra elle e seos ministros, os homens que occupam hoje o poder, mostraram então, ou pela força de suas convicções, ou por que aguardassem o momento opportuno em que só á elles fosse dado conseguir essa vara de ferro, sob cujo peso deviam gemer as provincias do Imperio, ja dilaceradas, ou reagirem, e se separarem da communhão legal, que taes medidas eram injustamente exigidas. Na deficiencia de homens, que não possam, ou que não queiram se incumbir de salvar o paiz desse

estado de conflagração e de miseria em que se acha, de que serviriam essas leis fortes, essa *Dictadura Legal*? He por ventura pela falta d'ellas, que o Brasil tem visto sempre mangrado o engrandecimento que lhe proporcionam seos extraordinarios recursos? Certamente não. Que se pretenderia pois com essa *Dictadura*? Acostumar talvez o povo a esquecer-se da sua Constituição, e do seo Monarcha, ouse teria em vista a dispensa da menoridade, a fim de nomear-se hum conselho de Estado que governasse o paiz mais a seo capricho, adiando as camaras, e fazendo callar a opposição e os prélos, para poder de livre arbitrio dispôr das rendas publicas, e dos Brasileiros, arrastando nos á degradação de reprovados costumes? Sugeitar-se-hiam as provincias á esse despotismo incapaz de permanecer n'America, e que, em sua queda infallivel nos traria consequencias funestas, e talvez, quem sabe, si o apparecimento de hum *Rosas*, depois de se haver costumado o povo a fruir as regalias de hum constituição, ja hoje bem discutida desde o palacio até a mais insignificante choupana? He por ventura da faculdade para hum *Dictadura Legal*, que o Brasil necessita, ou he de homens capazes de satisfazer ás suas exigencias, e de

cumprir suas leis, humas dellas ja bastante fortes para os costumes e docilidade dos Brasileiros; outras capazes de serem applicadas segundo as intenções de seus executores? Si o ex-Regente, que ao actual confiou o governo de que a nação o encarregara, era incapaz de obter essas leis fortes para hum — golpe de estado, — será o Regente actual, creatura sua, o digno de alcançal-as, e de salvar com ellas o paiz, na falsa posição em que se acha, sem poder mesmo completar hum ministerio com homens que o não desacreditem, e satisfaçam ao mesmo tempo á publica espectação? Appelamos para o mesmo publico, e elle que decida.

Nós porem, fazendo mais justiça á boa fé das camaras, acreditamos que foi apenas hum experimento que se quiz fazer no povo, a fim de saber-se qual a adhesão, que elle consagra neste momento á Constituição e ao Imperante, a quem de certo não tiveram em vista offender aquelles que á face d'Elle ousaram fallar em *Dictadura legal*, que importa o mesmo que annunciar a Sua destruição: quizeram sem duvida despertar os Fluminenses da lethargia em que se acham em presença de tantas facções, que retalham o seio da patria, em diversos pontos do imperio.

(Continuaremos).

A necessidade de completar-se o ministerio he geralmente sentida, e principia a fazer prevalecer a ideia de que ao Eleitor dos Ministros não tem convindo chamar homens de pulso que salvem o paiz. Desejoso talvez de bem acertar, S. Ex. ha longo tempo vacilla, e diversas listas de Ministros que se hão publicado nos jornaes que tem tratado da *Dictadura*, provam de sobejo, que se procura ver qual a que produzindo mais grata impressão nos amigos do paiz, melhores esperanças dá de publica salvação, e maior força mo-

ral ao Regente. Quando o Brazil inteiro se achava a braços com a anarchia; quando o desrespeito ás leis e ás authoridades he geralmente sentido; quando hum divida enorme nos annuncia a mais terrivel das desgraças; quando os infractores das leis alardeam de as haver violado; quando as despesas augmentam progressivamente, e se vê a olhos claros a má fiscalisação das rendas publicas; quando a desgraçada escolha de publicos empregados põe em conflicto o paiz inteiro, dessiminando-se por tal modo ainda maior corrupção de costumes; quando os clamores dos servidores do Estado quasi que chegam á eminencia do solio, pela falta de pontualidade em seus pagamentos, e os cofres publicos se acham exaustos de fundos até para as mais simples exigencias dos fornecedores; quando, tudo existe na maior expectativa, conhecendo-se que na posição do momento, só hum ministerio compacto, decididamente Brasileiro, e severo executor de importantissimas leis que por felicidade possuímos he que pode arredar tantos males; quando se vêem os desacertos da administração, e sua fraqueza filha da desarmonia de principios, e da mingua de capacidade para bem attingir aos fins á que nos cumpre chegar: he que se vacilla na boa organização do gabinete!

He para o Eleitor dos Ministros que nós appelamos; melhor do que ninguém S. Ex. tem tido occasião de conhecer os homens; e abandonando vaos escrúpulos de que talvez esteja embaído, deve assentir, como verdadeiro Brasileiro, em algumas das condições, que por ventura lhe hajam proposto aquelles, que ainda se julgam capazes, senão de salvar de prompto, ao menos de melhorar as tristes circumstancias que para perto nos trazem esse — futuro desastro — com dôr facticinado pelo magnanimo fundador do Imperio, o Sr. D. Pedro I!

A confirmação anatomica do Sr. Dr. Marinho! ou a faculdade de medicina e o seu candidato.

Quando no 1.º numero deste jornal, desposamos a causa do Sr. Dr. Garcia, que bem defendida já estava, no que há de lei, com o voto separado da minoria da faculdade de medicina: estavamos bem longe de supormo-nos obrigado a retomarmos nossa posição, antes da decisão que aguardamos do governo, senão lêsse-mos no Jornal do Commercio de 13 do corrente mez, a confirmação anatomica, que mais propriamente se pode chamar, *auto de achada do Sr. Dr. Marinho*, nos desvarios de sua mesma logica!.. e como tendo-o nós feito com muita reflexão, não podemos concluir de huma tal confirmação anatomica, que o Sr. Dr. Marinho, como que de proposito, ou caprichou em apresentar-se tal qual he em anatomia, confirmando asnatamente o erro que desgracadamente commetteu; ou suppôr (o que não lhe perdamos por causa alguma) que escrevia para hum pôvo desinstrado, e que, quando mesmo só tira-se entre si quem nada podesse saber d'anatomia, era tão destituído de senso commum, que não podia comparar as descobertas de S. S., com os trabalhos e lição dos mestres que tem professado a sciencia anatomica nas outras partes do mundo. Portanto, soffra S. S., que como leigo que somos lhe provemos seu engano, e o convençamos do que temos dito.

Disse S. S. a principio (no Jornal do Commercio de 29 de Julho) « Se a aponevrose epicranea existe por baixo do musculo frontal, como seria possivel destrui-la e levanta-la com os tegumentos em alguns pontos, conservando a integridade e a posição anatomica do musculo que fica por cima? » Fallando desta maneira, S. S. affirmou-nos que aquella membrana estava por baixo do musculo, para poder dedusir, como

então fez, que nunca seria ella cortada, sem que o musculo a fosse primeiro; e foi a isto que o Sr. Dr. Garcia retorquiu, com a integra de diversos authores, entre os quaes vem a do compendio por onde S. S. aprendeu, o que vale mais do que nenhuma argumentação sua. Por tanto, não vale agora a evasiva que S. S. procurou ha tanto tempo, para dar (porem hoje) l. a tal aponevrose dividida em duas camadas, porque alem de tudo he miseravel, e ninguem poderá dar, só por ella, mais credito ás suas descobertas, do que ás dos authores, com os quaes S. S. se quiz pôr (e por tal modo!) em opposição, explicando-os tão barbaramente, que deixa formar-se disso, e contra as intenções de S. S., hum dilemma bem triste que he: ou todos os anatomicos que até hoje tem escripto, sobre a posição anatomica do musculo frontal tem errado, dando com impunidade, por verdadeiro o que S. S. mesmo já preparou e mostrou, quando ajudante do Sr. Dr. Marques, e segundo o que delle aprendeu!.; ou as disseccções de S. S. fôrão todas mal feitas, e realmente *cadavericas em tudo*; neste caso, ninguem (se não seos assecclas) se pode convencer, por taes expriencias, que a asserção de S. S. não seja muito destituída de veracidade!..

Sabemos que S. S. campá de muito logico; e por isso, permita que nós, podendo raciocinar, e argui-lo por esta maneira, tam bem o levemos logicamente, á convicção, (e com suas proprias palavras)!... do contrario do que S. S. concluiu e quiz sustentar, á face d'uma população que conta tantos medicos nacionaes e estrangeiros, por se suppôr, tal vez com isso tão credor dos louvores destes como o terá sido d'aquelles, que por dignidade da Escola o devião excluir desde já e por seos mesmos feitos anatomicos, de candidato ao magisterio da cadeira d'anatomia, pois que acaba de provar que ignora completa-

mente as doutrinas della! he miseria!..

Por dar pasto á hum dialectica toda sua, S. S. apoiou-se na authoridade do Sr. Dr. Marques e de Broc; e com hum hermeneutica *sui generis*, prova que não entendeu as doutrinas do primeiro destes dous authores, porquanto S. S. deve saber, que os limites da aponevrose, por elle dados no seu compendio, excluem a idéa de continuação della *por baixo do musculo frontal*, caso esteamos de accordo, sobre a definição da palavra *limite*, como creio. Consequentemente, se não he possivel que Broc diga o contrario do que dizem muitos outros com o Sr. Dr. Marques, o que todavia não affirmamos, porque S. S. só transcreveu delle o que lhe conveio, S. S. deve confessar que errou como *anatomico*, e agora como *logico*, alem de dar-nos porisso o direito de dizer-lhe, que se pôde com suas *experiencias e dissecções cadavericas*, achar a continuação das cousas limitadas, brevemente nos mostrará tambem a quadratura do circulo, o que he tão impossivel, como o achar-se a aponevrose *epicranea por baixo do musculo frontal*, depois que tantos anatomicos verdadeiros, tem dado (*a una voce*) por limitada, na parte anterior pelos musculos frontaes, e na posterior pelos accipitae: e agora Sr. Dr., o que diz a isto?

Demos que assim não seja, e que neste ponto S. S. *discorreu bellissimamente*, explicando, ao povo, a maneira de se entenderem os authores: como nos explicará agora S. S. o que achamos na intrega dos que servirão ao Sr. Dr. Garcia, para emendar-lhe o erro tão prontamente? *Cloquet* diz (veja-se o *Jornal do Commercio* de 2 de Agosto corrente), que o musculo frontal está *applicado ao osso do mesmo nome*, e não sobre a *segunda camada d'aponevrose epicranea* que S. S. *achou e viu*. O Sr. Dr. Marques; depois de dizer que o musculo frontal está situado sobre o

osso, acrescenta: *que he applicado ao periostio do osso frontal*, por tecido celular sem gordura &. Seria isto o que S. S. tumou por *folha profunda* da aponevrose epicranea? (foi terrivel o engano, e muito mais sórdida se torna porisso mesmo a explicação do erro)! *Curveilhier*, diz igualmente, que o musculo frontal corresponde ao pericraneeu ou periósseo dos ossos do craneo, do qual he separado por tecido celular &. O Sr. Dr. Garcia apresentou outros muitos authores que dizem o mesmo, e S. S. o não contrariou nisto; como pois he possivel dar-se, mesmo em hypothesis, que nenhum delles digão que o musculo em questão não está sobre o osso, e sim sobre a *folha profunda* da aponevrose epicranea, como S. S. quer, se isto fosse hum facto anatomico, ou hum verdade? Quererá o Sr. Dr. Marinho que todos juremos nas palavras do mestre, ou que acreditemos somente no seu *habil escapello*, nas suas *experiencias* e nas *dissecções cadavericas que fez só por que nol-o diz*, sem temer o *risum teneatis, amicii*, que nos obriga a dizer-lhe, o seu *magister dixit*? He verdade que pela importância que se lhe tem dado, podia julgar-se authorisado para muito mais; porem, se não tiver mais cautela no uso que fizer della para com o publico, terá por mais vezes o dissabor de ver-se subjugado pelas redeas da razão e do raciocinio de mais alguem que não he povo, e que pode censurar-lhe com motivos de sobrejo a sua conducta, e os inconsiderados passos de sua agigantada filancia!.. Advoga muito má causa, e porisso lhe perdoaremos tantas subtilezas!..

Tornando á questão, diz o Sr. Dr. Marinho, que (segundo os authores) cobrindo a aponevrose epicranea toda a abobada do craneo, os limites daquelle não podem ser dados senão nos que estabeleceu, *à son gré*, para esta; e da qual quer concluir que a tal membrana ao nariz, ás orelhas, e talvez á boca,

pescoço, e nunca também!.. Novamente está S. S. em erro, porque conclue mal dos mesmos authores a que se refere, quando discorre contra a boa hermeneutica por frases destacadas dos periodos delles. Se elles dizem que a membrana em questão cobre toda a abobada do craneo, sendo porém limitada na parte anterior pelos musculos frontaes, e na posterior pelos occipitales, fica tão claro como a luz meridiana, que he no ponto em que nascem as fibras que S. S. chama originaes destes musculos, que as della desaparecem no terminão, e nenhum outro limite he preciso dar-se-lhe, muito menos tão vaga quanto gratuita e especiosamente como S. S. o diz; nesse caso elles terião dito que essa membrana se ia terminar por esta ou por aquella folha ou camada (como quizer), na parte superior das orbitas, no conducto auditivo, e na protuberancia occipital, como S. S. quer e que equivale (pela falsidade) a hum verdadeiro absurdo.

Demos de barato que S. S. não queira ainda dar-se por satisfeito com este nosso modo d'argumentar ou de raciocinar; perguntaremos mais a S. S. que se diz tão logico: *Cruveilhier* não diz que o musculo accipito-frontal (creio que he o mesmo de que S. S. tracta; pelo que li na reposta do Sr. Dr. Garcia) cobre toda a abobada do craneo, donde lhe vem o nome de *epicrancanno*?

Cruveilhier quererá dar o musculo frontal estendido até os ouvidos também, para poder cobrir toda a abobada do craneo, Sr. Dr.? como entendeu S. S. o texto de *Cruveilhier*, sobre o musculo accipito-frontal, e não o do Sr. Dr. Marques, sobre a aponevrose epicrancanna? Para ser coerente, seu raciocinio devia ser igual na especie em questão; como pôde tirar por verdadeiras, S. S., e de hum mesmo principio, consequencias tão diversas? logo, há erro na conclusão que S. S. tirou, ou he essencialmente falso o seu principio, e não passa

de paradoxo, tudo o que S. S. diz para explicar (ao povo)!.. a doutrina dos authores, que referio em seu appoio (que vergonha, meo Deos)!..

Com este argumento de paridade, nós temos convencido a S. S. do seu maior erro, e dos absurdos com que o procuron sustentar; e se o Sr. Dr. Marinho, que tendo a seu cargo a melhor parte da instrucção medica da mocidade, devia procurar entender primeiro os authores, para explica-los a seus discipulos, dá em huma mesma especie, caprichosos argumentos, para provar com sophismas, hum ponto que nada pode ter, como não tem de controverso, pelo frivolo e vergonhoso motivo de querer mostrar que podia sustentar, como temos provado, hum erro com muitos outros! não pode ser o logico que se inculca, e menos dizer que sabe anatomia: era melhor ter confessado o seu erro do que confirmá-lo com os segundos, perdoe S. S. mais esta lição, que lhe damos como amigo, e não caia n'entra.

Em conclusão, segue-se do que temos dito e provado: 1.º que S. S. veio, com a sua *confirmação anatomica*, provar mais o seu primeiro erro, desfazendo a sua sciencia e prestigio anatomicos com a sua mesma logica. 2.º que todos os seus theoremas anatomicos são falsos, ou tão erroneos como os principios de que os deduzio. 3.º que suas *experiencias e disseccões cadavericas* serão mal feitas, e por si mesmas não inspirão confiança alguma, nem podem convidar aos curiosos, quanto mais a quem souber como ellas se devem fazer. 4.º que ainda não pôde entender as doutrinas do Sr. Dr. Marques e de Broc, e porisso as não pôde explicar. 5.º que bem longe de se justificar com ellas, tornou-se vulneravel por todos os lados mostrando até muita leviandade, em querer sobresahir aos mestres, cujas doutrinas quiz taixar d'erroneas. E 6.º sobre tudo, pintou ou provou melhor

do que nós, no nosso primeiro artigo, o vexame em que a faculdade de medicina deve estar, por tê-lo mettido tanto á cara, contra as suas leis e estatutos, que jamais poderá cumpri-los e executa-los bem, e he isso mesmo o que basta para que continuemos a assignar-mo-nos tal qual somos. *Justos.*

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor.—Não he nosso animo aggreddir á pessoa do Sr. *Nayler-Bey*, e nem tão pouco dar vulto á seos ja tão decantados feitos nesta capital, feitos, que em *estilo alti-sonante, e frases alambicadas* foram ultimamente proclamados em huma correspondencia do *Jornal do Commercio* de 12 do corrente, por hum medico brasileiro. Revoltando-nós porem tanta impudencia, irritados pela falta de dignidade de hum medico, que se diz nosso patricio, força he que lhe digamos algumas palavras, a fim de que voltado ao interior de si mesmo, ao intimo de sua consciencia, avalie as blasfemias que avançou, e como medico—*si ita est*—reflicta que lhe cumpre mais do que a nenhum outro membro da sociedade, mais do que á nenhum outro individuo, ser circumspecto, bem meditar sobre o que tem de escrever, e mais do que tudo não escravisar-se por hum muito mal entendida gloria, e vender a liberdade de sua consciencia a hum vil e bem sordido interesse; o que sobremaneira avilta o seo caracter, e mingoa sua reputação.

Censurar o excesso, que commetteo o Redactor da *Revista Medica*, si excesso se pode chamar o que a respeito do Sr. *Nayler* disse neste jornal, coisa he, que se podia fazer por estar aquelle Sr., á quem a Academia encarregou da árdua empreza da publicação de seos trabalhos, e dessiminação dos principios da nobre sciencia de curar, sujeito, como qualquer outro, aos elogios de seos admiradores, ou á censura de seos con-

trarios. Ponderar-se-lhe que elle em vez de se limitar a esclarecer á seos collegas, e mais concidadãos, com o seo juizo, alias sempre prudente, sobre o justo peso que se devia dar ao saber, e pericia operatoria do Sr. *Bey*, se envolveo em considerações menos calculadas, ja tornando-se o sentinella dos direitos da faculdade, e censurando as authoridades municipaes por falta de cumprimento de seos deveres; e ja estranhando ao Sr. *Pey*, o exigir huma avultada quantia por suas consultas, e trabalhos operatorios, como se alguem podesse, ou se devesse intrometter na estimação que cada qual faz de seos proprios serviços, e merecimento; achamos consentaneo com o amor da reputação medica brasileira, e acima de tudo, com o espirito de huma verdadeira critica. Porem para vergonha da corporação medica, o correspondente do *Jornal do Commercio* assignado medico Brasileiro, não critica, não levou ao cadinho da analyse a substancia do artigo da *Revista Medica*; e ao contrario soltando o vôo á sua imaginação, e dando chances á sua facundia, brotou vagas declamações, e, com palavras sem sentido, firmou hum argumentação sem paridade.

Começa, Sr. Redactor, o nosso imparcial patricio por declarar-se amigo da illustração e do merecimento, e por isso acicamente censura ao Redactor da *Revista Medica* por sua falta de polidez, e de enthusiasmo, pois que sendo Redactor do unico jornal medico do Brasil, não se tenha ja apressado a tecer hum pomposo elogio ao Sr. *Bey*, a esse cirurgião, á esse illustre oculista recém-chegado; e não acompanhasse dest'arte aos monarchas, e povos da Europa, em seos applausos, e provas de respeito; que em lugar de assim caminhar, lhe rendesse hum menos urbano cortejo, reparando que esse professor se tivesse furtado ás devidas averiguações de seo saber, e de sua

apudão para o exercício da cirurgia. Para provar que era mal entendido esse amor da lei, que elle chamou *romito en-joativo de patriotismo esteril &c.*, lembrou-se de perguntar si ás nossas praias chegassem os Roux, os Boyer, os Astley-Cooper, &c., se lhes faria applicação do mesmo preceito? Que miseria! Como se atreve hum medico a collocar na mesma linha homens tão respeitaveis, cujos nomes só far-nos-hia dispensar todas as formalidades legais, homens, cujos serviços á sciencia lhes prepararam a admiração, e o respeito da posteridade, e o Sr. Nayler-Bey, cirurgião sem nome na sciencia, encantado ainda ha pouco na ardente Africa, e que sahido do paiz natal, onde nada deixou que merecesse a menor lembrança! E ousa o medico B. estabelecer paridade entre hum, e outros? Julgamos possivel, que sem consciencia do que escrevia, deixou que sua penna lavrasse proposições indignas de hum homem da sciencia. Não levando em conta a nojenta repetição das mesmas idéas, e tedio que nos cosou a grave contradicção em que cahio, dando os pobres brasileiros entregues á hum eterna cegueira, seguramente por falta de hum mão habil que lhes restituísse a vista, e depois dizer que no ramo medico-cirurgico, em que he celebre o Sr. Nayler, tambem o he o primeiro operador do Brasil, o Sr. Christovão José dos Santos, e mais meia duzia de collegas de grandes esperanças; sem que lhes façamos carga dessa contradicção, perguntaremos, Sr. Redactor, he hum medico brasileiro, e desta corte quem estranha que o jornal de hum sociedade de homens scientificos não se apressasse a tributar respeito á hum estrangeiro desconhecido, e sem nenhum titulo recommendavel na sciencia! He hum medico B., quem sem nenhum fundamento mais do que os titulos de honra, e recommendações, intitula de *sábio ao Sr. Bey?* He hum medico do

Rio de Janeiro, quem põe em duvida que ainda estejamos em estado de avaliar o merecimento do Sr. Nayler? Custa, Sr. Redactor, custa-nos acreditar, que esse Sr. seja medico, ou parece-nos que assás atrasado mal conhece os progresses da cirurgia entre nós. Para fazer sobresahir a celebridade do Sr. Nayler, o correspondente traz á memoria do Redactor da Revista os estrangeiros medicos, que fazem parte da Academia de Medicina, e para quem, diz elle, devia o Sr. Redactor, animado de zelo patriotico, exigir a a execução da lei; não nos cansaremos em refutar hum asneira tal, porque todo mundo conhece os Srs. Sigaud, Cuisart, Faivre, &c., e sabe á que tempo existem entre nós, e mesmo antes que se organisasse o poder á que se devem submeter para justificar sua aptidão.

Tudo desculparíamos ao medico B., tudo sepultariamos no esquecimento de que he credor, si no fogo do bem louvavel entusiasmo pelo Sr. Bey (pois que parece querer substituir na qualidade de acolito ao Sr. Bon-jean), esse medico desnaturado não ousasse dizer, que nossos compatriotas se achavam condemnados á hum eterna cegueira. Como te olvidaste, oh panagyrista sem arte! como te olvidaste dos merecimentos e habilidade desses operadores os Srs. Drs. Christovão, Manoel Feliciano, Ramos, A. Machado &c.? Como te esqueceste de que cada hum desses habeis operadores tem praticado operações de catarata com feliz exito?

Porque embasbacas? Porque te admiras? Maravilhados ficamos nós do ver como sem escrupulo, e sem reccio de que te chamassem—mentiroso—avancaste hum proposição inteiramente falsa, somente talvez para lucrar a afeição do Sr. Nayler-Bey, e para que amanhã elle te colloque piamente no lugar do seo ajudante.

Seguramente he doloroso para nós,

o ver que nossos patricios, levados pelo amor do estranho, quizessem antes expor-se á hum triste experiencia em mãos, cuja *dextreza* era apenas *anunciada*, do que terem-se submettido á habilidade, e saber dos operadores, cujos feitos ja ha tanto tempo eram por elles conhecidos. Tanto pode o espirito de novidade. Si assim não fosse, esse medico, que se diz B., não diria, que os nossos compatriotas se acham condemnados á hum eterna cegueira! Cego, Sr. Redactor, he aquelle que não sabe avaliar o merecimento; cego he o medico que não encherça, que hum dextreza comprada pelo longo exercicio em hum paiz em que taes molestias são frequentes, não constitue a verdadeira habilidade do operador, e sim a variedade de recursos em casos chirurgicos, a promptidão e destreza em casos urgentes, e profundo conhecimento de todos os processos, e methodos operatorios inventados para tantas e tão variadas operações, bem como o exacto conhecimento de todas as organizações, á que tem de levar seo ferro! Cego finalmente he aquelle, que levado pelo estrondo dos titulos de honra não espera para lisongear, que os factos fallem primeiro, que o tempo corôe os successos das operações, e que, prostituindo-se á hum ponto vergonhoso, dê hum muito triste idéa de si, o que faz suppor que sua penna, seos elogios, tudo, tudo foi vilmente vendido pela fome de lucros pecuniarios. Sim, Sr. Redactor, he indigno do nome de medico, o medico B., o homem que assim procede; hum tal individuo avilta a classe a que pertence, amesquinha a reputação dos seos, e, o que ainda he peor, faz que nenhuma consideração nos tribute o estrangeiro que vem de passagem á nossa terra, e que se supponha hum sabio, avaliando o saber de toda a nossa classe medica, pelo do seo novo acclito.

Em sua folha, Sr. Redactor, cujo

apparecimento nos tem enchido de prazer, tenha, lhe rogamos, a bondade de publicar estas mal traçadas linhas, com o que muito obrigará ao seo leitor
Carioca.

ORTIGADAS.

Consta, que logo depois da *baixa* do ministerio de 19 de Setembro, procedendo-se á energico recrutamento (até em festas religiosas) para diversos postos, e acontecendo ser *recrutado* o Exm. Sr. Marquez de Paranaguá para a pasta da marinha; S. Ex. *dera hum homem por si!*... Antes dêsse os 400.000!!

— Meo Deos! que desgraça he a nossa! (exclamou hum Nautico offendido)! Sahe da Marinha hum homem filho d'hum taberneiro no P. C., e entra outro que em B. A. tinha taberna!!

— O *Cascudo* 2.^o *empastelado* na Marinha, lendo hum carta de B. A., onde se lhe dizia, que a sua taberna fôra roubada, exclamou: — Muguer, muguer! — Por Diós!.. qui tienes? — Caramba!.. soy roubáo!!

— Pergunta-se ao Sr. Carneiro da Cunha se espera que jamais se acredite na sua palavra de honra? He mesmo dos de 39!!

NICOLAO TOLENTINO APPLICADO A QUEM O MERECER.

— Chegou Monsieur de tal,
Medico em Londres formado,
Traz *pomada* especial,
Papel-caustico aprovado;
Hum remedio universal!

Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seos;
E, cheio de dó profundo,
Vasa, pelo amor de Deos,
Os olhos a todo o Mundo.

Buscão-no em chusma os fieis,
Que, *caloteando* os patricios,
Lhe dão centos de mil réis!!